

**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

ARTISTAS MARGINAIS: ARTE CIRCENSE NA RUA EM BELÉM. A MEMÓRIA DA ESCOLA CIRCO

Yure Lee Almeida Martins
Doutorando – PPGARTES - UFPA

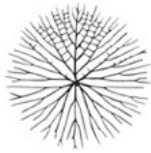
INTRODUÇÃO

Foi em Roma Antiga que o circo começou a ganhar algumas das características que possui na atualidade no Ocidente, iniciando as chamadas “companhias itinerantes” que passaram a reunir artistas com diversas especialidades como malabarismo, mágica, equilibrismo, ilusionismo, música, entre outras e que ainda eram comuns na Era Moderna (MACEDO, 2000. p. 66).

O circo moderno, como o conhecemos, tem pouco mais de dois séculos. Mas desde as primeiras civilizações que conhecemos existiram artistas, acrobatas, malabaristas, contorcionistas e figuras cômicas que encantaram povos inteiros por onde passavam. Os registros históricos mais antigos sobre artistas circenses que se têm notícias são hieróglifos egípcios de aproximadamente 2000 a.C e que mostram malabaristas jogando bolinhas em cerimônias (BOLOGNESI, 2003, p. 20-60).

No Brasil o circo teve início com a migração total ou parcial de famílias de artistas de companhias da Europa, não apenas de circo, também de teatro e “companhias de espetáculos de variedades e de horror”. Estes primeiros artistas apresentavam-se principalmente em praças públicas e mantinham-se sempre viajando (SILVA, 1996. p. 40-46).

A partir do final dos anos 1980, em resposta a “crise dos circos” foi criado um movimento denominado de “novo circo” ou mais recentemente o “circo contemporâneo”,



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

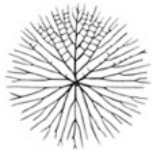
com intento de renovar repertórios, espetáculos e mesmo a chamada “magia do circo”. Esse movimento passa a relacionar as técnicas de circo tradicionais com maiores influências de outras linguagens artísticas, principalmente dança e teatro passando a adotar também inovações tecnológicas em equipamentos tradicionais (GOMES, D. F. E FONSECA, T. S. 2018). Esse processo deu origem a muitas escolas de circo, onde os mestres dos antigos circos tradicionais se empregaram, inclusive uma em Belém. O presente trabalho tem como objetivo discutir a memória da Escola Circo Mano Silva, que foi mantida pela Prefeitura de Belém por quase oito anos.

METODOLOGIA

Me insiro na categoria de artista e pesquisador do espaço urbano propondo-me a refletir sobre a organização dos artistas nos espaços públicos e quais variáveis que atravessam suas práticas nas ruas como símbolos e sentidos que definem os lugares antropológicos (AUGÉ, 2004 p.65-63).

Esta pesquisa em andamento tem por objetivo realizar uma investigação artística e etnográfica principalmente através de entrevistas (THOMPSON, P.25). Compreende-se que tanto a História como a Antropologia buscaram formas de dar voz aos atores sociais observados (SANTOS, 2006, p. 3).

Muitos indivíduos não se veem enquanto artistas, justamente por receberem estímulos negativos sobre a importância de nossa forma de arte em relação a outras manifestações artísticas, por outro lado se veem como trabalhadores e não como mendicantes. Neste sentido Stuart Hall destaca um fechamento em seu conceito de diáspora sustentada por uma concepção binária de diferença, que está fundamentada na ideia de uma fronteira de exclusão dependente de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o “dentro e o fora”. Contudo, o autor considera que as identidades culturais não podem ser tratadas somente por “configurações sincretizadas”, pautadas



principalmente por diferenças desarticuladas, mas sim por diferenças identitárias posicionadas e relacionadas, sempre em desníveis (HALL, 2003, p. 33-45).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

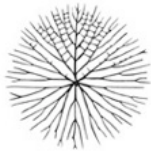
Em 2016, Zenaldo Coutinho “viralizou” ao afirmar que a “escola circo só deixou crianças malabaristas mendigas nos sinais”. O que pretendo destacar, como uma análise qualitativa (BARDIN, 2011), é que esta declaração foi de enorme impacto sobre a memória da população. A memória é um campo político sempre em disputas e historicamente os vencedores se fizeram prevalecer (LE GOFF, 2000).

Até o momento contabilizei vinte e três artistas circenses de rua em Belém, dentre os quais também me incluo. O único entre os artistas circenses de Belém que foi aluno da Escola Circo foi Cezar Vanuti. Trecho da Entrevista com Cesar: [...] *Meu amigo... no momento eu iria aplaudir [com tom muito irônico], achar bastante graça e... .. falar para ele assim: aqui se faz, aqui se paga!* (ao responder o que diria a Zenaldo sobre suas declarações de 2016).

Cezar contabiliza seus “25 anos de carreira” sendo apenas os últimos 10 como artista de rua. Sua frase, “*aqui se faz, aqui se paga!*” destaca ao mesmo tempo um discurso pessoal de descontentamento e um discurso de um morador que cresceu em um bairro violento de Belém. Ao proferir esta frase, meu entrevistado utilizou um tom seco e ao mesmo tempo forte.

CONCLUSÕES

Em regiões como a Grande Belém, afastada dos grandes centros nacionais de treinamento e formação de artistas de circo e que teve uma escola de circo apenas por alguns anos, durante a gestão de Edmilson Rodrigues na Prefeitura (1997-2004), a troca de saberes e experiências entre artistas “novatos” e artistas mais experientes, que trabalham principalmente em sinais de trânsito e praças, acaba sendo o principal modo



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

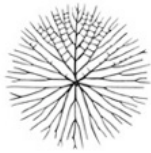
BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

de formação de novos artistas circenses, dentre os quais eu me incluo. Sendo artista de rua e de movimentos dos artistas circenses de rua desde 2007, participei por muitos anos de atividades realizadas na rua como o “Palco Aberto” e o “Encontro Semanal de Malabares e Circo de Belém”.

Diferente do que muitos pensam, a grande maioria dos artistas circenses de rua formados na Grande Belém durante as duas últimas décadas pouco ou nenhum contato tiveram com a Escola de Circo Mano Silva, que foi mantida pela Prefeitura por quase oito anos. Isso se explica pelo fato de a Escola Mano Silva ter sido mantida com o intento de resgatar crianças e jovens em situação de risco – o que não é o caso dos artistas circenses de rua da atualidade – oferecendo as técnicas de circo como atrativo juntamente á alimentação e reforço escolar (MATOS, 2002). Esta perspectiva de circo como forma de resgatar a cidadania de crianças e jovens em situação de risco é constantemente resgatada em projetos sociais que envolvam circo e artistas circenses de rua e hoje em dia é chamada de circo social (GALLO, 2009. p. 93).

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Márc. **Não lugares:** introdução a uma antropologia da sobremodernidade. 1ª edição francesa. Lisboa, 90 Graus. 2004
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. 2011
- BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços.** Editora UNESP, 2003.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. & BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da história.** Introdução aos problemas, métodos e técnicas da historia demográfica, econômica e social. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1983. 3ª Ed.
- HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidade e mediações culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- GALLO, Fabio Dal. **Da rua ao picadeiro:** escola picolino, arte e educação na performance do circo social. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Artes Cênicas. 2009



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

GOMES, Demetryus Ferreira e FONSECA, Tandes Rodrigues da Silva. O declínio do circo na Era Contemporânea. In: **Anais do III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades**. Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos. 2018.

SANTOS, Dalva de Cássia Sampaio dos. **Políticas públicas de lazer e formação continuada de profissionais: uma análise na prefeitura de Belém (2009-2014)**. Doutorado (tese) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

SANTOS, Ana Maria Smith. HISTÓRIA ORAL E ETNOGRAFIA: Convergências e contribuições em uma pesquisa sobre o outro e suas demandas de políticas públicas em Breves-PA. In: **Anais do XIII Encontro Nacional de História Oral. 2016**

SILVA, Erminia. **O circo: sua arte e seus saberes: o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX**. Campinas: Unicamp. Dissertação de Mestrado, 1996

SESC. Do circo moderno ao novo circo: breves relatos sobre uma história de arte, lazer e entretenimento. **Anais do Encontro Nacional de Recreação e Lazer. 2013**. Consultado em 12/10/2018 e Disponível em: http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/e6a4eb76-6f57-4750-a8e8-01f0efc6b6eb/16B_Do+circo+moderno+ao+novo+circo.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=e6a4eb76-6f57-4750-a8e8-01f0efc6b6eb

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Editora Unicamp. 7ª Edição Revisada. 2000.

MACEDO, J. R. **Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média**. Porto Alegre, São Paulo: Editora UFRGS, Editora Unep, 2000.

PAUL THOMPSON. **A VOZ DO PASSADO**. História oral. Tradução de. Lólio Lourenço de Oliveira. Paz e Terra. 1988